

A imagem, o racismo e as interseccionalidades no documentário “À margem do corpo”¹

Taianne GOMES²

Doutoranda

Maria Angela PAVAN³

Doutora

Denise CARVALHO⁴

Doutora

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

A partir das imagens produzidas no documentário “À margem do corpo” (2005/2006), de Debora Diniz, este trabalho apresenta a história de Deuseli Vanines, uma mulher, negra e pobre. Vítima de um estupro, foi proibida por agentes do Estado de interromper a gravidez. Vinte e três anos se passaram desde a sua morte e o tema, atual, traz à reflexão a situação de vulnerabilidade da mulher negra. Por meio de estudo de caso e da análise de imagens, buscou-se responder a seguinte pergunta-problema: Como é possível identificar as opressões atravessadas pelas interseccionalidades no documentário “À margem do corpo”? O fundamento teórico contou com Butler (2016), Didi-Huberman (2012), Gonzalez (2018), Mbembe (2018) e Samain (2012). O artigo identifica, entre os eixos de opressão, uma tríplice discriminação.

Palavras-chave: Documentário; Imagem; Racismo; Interseccionalidades; À margem do corpo.

Introdução

O documentário “À margem do corpo” da antropóloga e pesquisadora Debora Diniz foi realizado em 2005 com recursos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Fundação Ford. A construção de toda produção, que ocorreu em onze meses no estado de Goiás, na capital e nas cidades de Alexânia e Anápolis, mapeia a trajetória de vida de Deuseli Vanines, nascida em 20 de abril de 1977 com falecimento em 1998.

A pesquisa para a produção do documentário começou por documentos e imagens de arquivo. Em seguida, foi realizada uma etnografia em campo, passando por todos os lugares

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Relações Públicas e Jornalista; taiannegomes@hotmail.com.

³ Professora do Departamento de Comunicação (DECOM/UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN) e Membro da Rede Alcar; maria.angela.pavan@ufrn.br.

⁴ Pesquisadora PNPd/CAPES vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN); denisecarvalho.mail@gmail.com.

por onde Deuseli esteve em vida. Debora Diniz ouve o testemunho de pessoas que conheceram e estiveram envolvidas com a história de vida da jovem.

Deuseli Vanines era uma mulher negra, pobre e jovem e viveu a tragédia da violência sexual e do desamparo do sistema e do Estado. Vítima de um estupro, foi proibida de interromper a gravidez, mesmo o aborto sendo considerado legal quando a gestação é resultado de abuso sexual, de acordo com o Art. 128, do Decreto Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940.

Muito embora a Constituição Federal de 1988 afirme que o Estado tem como dever “IV - promover o bem de todos, sem quaisquer preconceitos de origem, raça, sexo, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988), o caso em questão demonstra como o Estado e os agentes públicos expõem a vítima a situações de violência.

Este trabalho abordará as imagens construídas para o documentário, a partir da concepção de Walter Benjamin (1996), Georges Didi-Huberman (2012) e Samain (2012), assim como o racismo, institucionalizado pelo Estado, e as interseccionalidades presentes, com base nas reflexões de Carneiro (2003), Gonzalez (2018) e Crenshaw (2002).

O artigo apresenta a condição de precariedade, levantada por Butler (2016), bem como os conceitos de biopoder, de Foucault (1999), de necropolítica, de Achille Mbembe (2018), e de necrobiopoder, de Bento (2018), peculiares às relações sociais, econômicas, culturais e políticas brasileiras.

O tema tem relevância por trazer à reflexão a situação de vulnerabilidade da mulher negra, que, ainda hoje, sofre pela ausência de redes de apoio social, tornando-se diferencialmente exposta à injúria e à violência. Por meio de estudo de caso, buscou-se responder a seguinte pergunta-problema: Como é possível identificar opressões atravessadas pelas interseccionalidades no documentário “À margem do corpo”?

O documentário

No documentário “À margem do corpo”, a temporalidade da vida e os acontecimentos se passam em Goiás entre 1996 e 1998 e as imagens mostram os dois processos judiciais que marcam a vida de Deuseli. No primeiro, a jovem é vítima de estupro. No momento seguinte, é assassina da sua filha de onze meses, gerada nesse primeiro ato violento.

Deuseli Vanines era filha de pais desconhecidos. Com dezenove anos, a jovem foi estuprada e impedida de realizar o aborto, tendo, de acordo com o documentário, o aconselhamento por parte de grupos pró-vida ligados à Igreja Católica.

Meses depois, é protagonista de outro crime ao assassinar a filha de 11 meses no dia de Natal de 1997, fruto do estupro. Deuseli Vanines confessou o crime, tendo reproduzido à polícia a cena do afogamento da filha em uma banheira.

A jovem é presa, engravida novamente e dar à luz em uma casa de apoio. O seu direito de exercer a maternagem - agora de forma desejada – é ameaçado, em decorrência do estigma que lhe foi atribuído de ‘doente mental’ e por estar sob custódia da Justiça. Segundo o documentário, retorna para prisão e, meses depois, engravida e falece com o filho no ventre de causa desconhecida.

Entre o estupro, o assassinato e a morte, a vida de Deuseli é recontada a partir do testemunho de pessoas que conheceram a jovem, inclusive do suposto estuprador, além de vizinhos, advogados, promotores, médicos e exorcistas.

Supostamente criada por um padrasto abusivo e com uma história marcada pela pobreza, os depoimentos apontam versões diferentes da jovem, percepções positivas e negativas, de acordo com o julgamento de cada entrevistado.

Entre as descrições apresentadas estão: “não era feia de jogar fora, mas não era bonita”; “garota de ponto”; “muito carente, muito pobre, de aparência muito humilde”; “trabalhadeira, asseada”; e “negrinha assim, não era feia demais, mas também não era bonita, morena, bem morena, mais para banda de preta”.

Neste trabalho, alguns aspectos da história de Deuseli Vanines são, brevemente, recontados a partir de depoimentos contidos no documentário “À margem do corpo”, que ajudam a inferir sobre o papel da imagem na história e acerca das interseccionalidades presentes.

As imagens

As imagens produzidas no documentário perpetuam a história de Deuseli Vanines. Nele, presente e passado se misturam e ainda que a narrativa esteja relacionada ao período de 1996 a 1998, ao assistir o documentário gravado em 2005, as imagens parecem estar marcadas por uma temporalidade flutuante.

O filósofo Walter Benjamin aborda esse encontro temporal,

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existe, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? [...] Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. (BENJAMIN, 1996, p. 223).

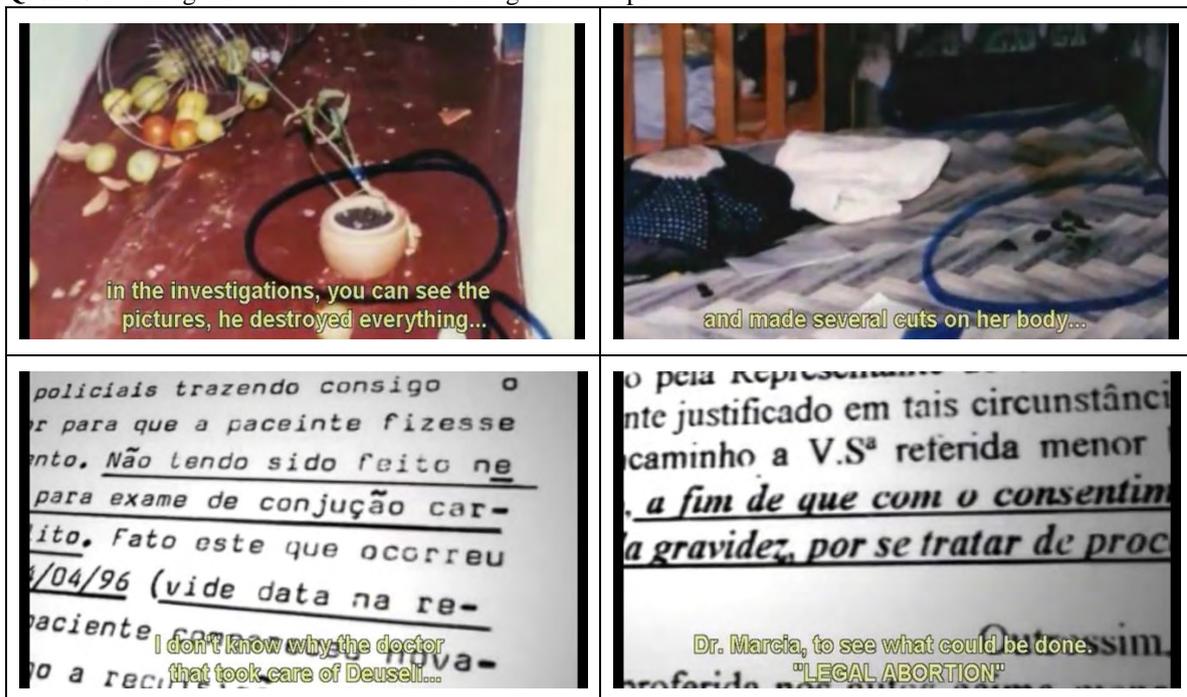
O filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman, por sua vez, afirma

Por outro lado, nem sequer estão ‘no presente’, como em geral se crê de forma espontânea. E é justamente por que as imagens não estão ‘no presente’ que são capazes de se tornarem visíveis as relações de tempo mais complexas que incumbem a memória na história (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 213).

O documentário traz ao espectador imagens de arquivo policial, de instituições do Estado, da comunidade, de lares, de lugares por onde Deuseli passou, além de inúmeros testemunhos, de quem esteve no convívio da jovem, que passam a ser uma representação do que a vítima viveu.

O quadro de *prints* abaixo resume as questões-chave abordadas no documentário, como a cena do local do estupro, documento que informa não ter sido feito o exame de corpo de delito, solicitação judicial de consentimento de interrupção da gravidez, a morte da filha e a morte da própria Deuseli.

Quadro 1 – Imagens do documentário “À margem do corpo”.





Fonte: Elaborado pelas autoras (2021) com base na observação do documentário “À margem do corpo”.

O antropólogo Etienne Samain analisa a imagem como “uma memória de memórias, um grande jardim de arquivos declaradamente vivos” (SAMAIN, 2012, p. 23), que traz à tona questões.

Se admitirmos que a imagem (toda imagem) é um fenômeno, isto é, “algo que vem à luz [phanein]”, “algo que advém”, um “acontecimento” (um “advento”, como melhor se dizia outrora), entender-se-ia que ela é, ainda, uma “epifania”, uma “aparição”, uma “revelação”, no sentido até fotográfico do termo (SAMAIN, 2012, p. 30).

As imagens desenhadas no documentário suscitam ideias relacionadas ao racismo institucionalizado e trazem uma reflexão sobre o estado de precariedade, no qual muitos na sociedade vivem. “Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (SAMAIN, 2012, p. 31).

Em paralelo ao racismo institucionalizado, o documentário de Debora Diniz também enuncia a presença do racismo como um fenômeno que subalterniza e “rebaixa o status dos gêneros” (CARNEIRO, 2003, p.119). Tal constatação converge com a afirmação de Samain (2012) de que “toda imagem (...) nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar” (SAMAIN, 2012, p. 22).

De fato, a partir da simples observação das imagens do documentário brotam ideias e questionamentos que são capazes de mudar o futuro de quem tocou a imagem com o olhar. Há tempo no documentário que define o presente, o passado e o que fazer no futuro.

Quanto a esse “pedaço de real para roer”, de Samain (2012), será abordado no tópico seguinte, uma vez que imagens e palavras se complementam no documentário e trazem à discussão as interseccionalidades que cercam a vida de Deuseli Vanines.

As interseccionalidades

O termo interseccionalidade foi concebido pela jurista e pesquisadora Kimberlé Crenshaw, de acordo com Corrêa et al. (2018), para nomear questões de raça, gênero, classe, dentre outras, como opressões que não operam de forma isolada, estão interligadas, “se sobrepõem e se combinam de forma a complexificar as estruturas de poder e subalternidade” (p. 154).

Antecipando-se ao conceito apresentado por Crenshaw, Lélia Gonzalez revela a operacionalização da interseccionalidade no contexto da sociedade brasileira, ao identificar uma tríplice discriminação sofrida pela mulher negra: de gênero, racial e a de classe (GONZALEZ, 2018).

Na concepção apresentada por Gonzalez (2018), a mulher negra brasileira é alvo de estereótipos que a colocam em um nível mais profundo de opressão. Entre eles, estão os arquétipos: a) da mulata ‘padrão exportação’, hipersexualizada e cuja representação é utilizada para reforçar o mito da democracia racial; b) da doméstica ou, quando fora deste espectro de atuação, em atividades de prestação de serviço de baixa remuneração, no âmbito profissional; e c) da mãe preta, cuja representação está relacionada à imagem da mucama que atua na formação da primeira infância de crianças brancas.

Para elucidar, Corrêa et al. (2018) exemplifica “a mulher negra – por não ser nem branca, nem homem – ocupa uma posição ainda mais difícil na sociedade. Ela é o ‘outro do outro’, uma dupla alteridade resultante de uma dupla antítese, da branquitude e da masculinidade”. (p. 150). Grada Kilomba também afirma que “não sendo nem branca, nem homem, a mulher negra exerce a função de o ‘outro’ do outro” (2012, p.12).

Sobre esse aspecto da ‘outridade’ da mulher negra, também é possível identificar, no relato de alguns depoimentos do documentário, um descrédito ou pouca credibilidade nas versões apresentadas por Deuseli Vanines com relação à sua vida pregressa com a mulher que a adotou, com relação aos acontecimentos ligados ao estupro e à sua própria condição de saúde mental.

Um outro fator que revela a ‘outridade’ direcionada a jovem e que é muito destacado na maioria dos relatos é a supervalorização das características fenotípicas, ou em outras palavras, da negritude de Deuseli, como se ela só pudesse ser descrita com base em suas características físicas e não com base em sua personalidade ou em outras especificidades que não estivessem unicamente ligadas à sua aparência exterior.

Inclusive, esse ‘apego’ à descrição com base no exterior está mais direcionada à Deuseli do que a um dos outros personagens que também compõe as narrativas, o Nego Vila, um homem negro retinto, acusado de cometer o estupro. Ao contrário do que ocorre com relação à jovem, a narrativa das pessoas que descrevem Nego Vila transpõe o aspecto físico, estendendo-se também a outros elementos - sejam positivos ou negativos - como caráter, personalidade, comportamento, vícios, jeito de falar e andar, seus talentos e hobbies.

Crenshaw (2002) acredita que as questões de raça, gênero, classe, ou outra, não devem ser analisadas sob um único eixo de opressão, considerando que os fatores se combinam e precarizam ainda mais o sujeito que se encontra vitimado. Quando as análises focam em apenas um eixo de opressão, o sujeito que se encontra vitimado parece estar sendo privilegiado pelas demais, quando na verdade ele também está sendo sufocado por outras formas de preconceito, ou seja, uma análise limitada sobre determinada desigualdade pode incidir na invisibilização de outra opressão.

Por isso, segundo Corrêa et al. (2018), “a interseccionalidade se apresenta, então, como um caminho para tornar esses estudos e práticas mais inclusivos, considerando como os outros fatores se combinam, ampliam e modificam as dinâmicas sociais” (p. 161).

Dessa forma, a interseccionalidade se debruça sobre dois ou mais eixos de opressão. Bell Hooks (1994 apud CORRÊA et al., 2018) denomina essa prática de “abordagem holística da opressão”, que é basicamente “a compreensão das estruturas de dominação de forma conjunta e interligada, a fim de evitar os pontos cegos ocasionados pelas análises de eixos isolados” (CORRÊA et al., 2018, p. 162).

Um rápido levantamento, realizado a partir da observação do depoimento dos entrevistados no documentário, infere acerca das interseccionalidades possivelmente presentes na vida de Deuseli Vanines:

Quadro 2 – Interseccionalidades presentes no documentário “À margem do corpo”.

Depoimentos contidos no documentário “À margem do corpo”	Eixo de opressão
Menina de cor escura, não era muito gorda, nem muito alta, nem muito baixa, negra	Gênero, raça
Cabelo você sabe como é, não tinha tamanho, só vivia baixinho	Raça
Não era feia de jogar fora, mas não era bonita, principalmente pelo cabelo	Gênero, raça

Não era feia, bem escura, morena bem escura, traços finos, trabalhava bem, muito caprichosa	Raça
Sorriso bem definido, dentes muito bonitos, clarinhos	N/A (Não aplicável)
Mais para o lado de negra	Raça
Garota de ponto	Gênero
Muito carente, muito pobre, de aparência muito humilde	Classe
Trabalhadeira, asseada, sabia fazer tudo, morena bem escura, magra, de cabelo nem ruim, nem bom	Raça
Negra com traços bem característicos de negra, muito descuidada, olhar de quem não estava aqui	Raça
Bem mirradinha, falava baixo, magrinha, voz fininha, não alterava a voz	N/A
Negrinha assim, não era feia demais, mas também não era bonita, morena, bem morena, mais para banda de preta	Raça
Bonita, jovem, vítima de estupro, morena muito bonita, simpática, calma	Raça
Mulher de aparência, completamente bonita não, mas de aparência	Gênero
Ela era uma pessoa assim calma	N/A

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021) com base na observação do documentário “À margem do corpo”.

A partir dos testemunhos, é possível identificar padrões de narrativa que perpassam por mais de um eixo de opressão. Além das questões de raça, também se destacam a classe social e o gênero, uma tríplice discriminação, como sugere Gonzalez (2018).

Essa ideia de interseccionalidade conversa, necessariamente, com o conceito de precaridade, proposto por Butler (2016), uma vez que abarca bem a situação de vulnerabilidade na qual muitos indivíduos se encontram. O termo se relaciona à “condição politicamente induzida em que certas populações sofrem por conta de redes insuficientes de apoio social e econômico mais do que outras, e se tornam diferencialmente expostas à injúria, violência e morte” (BUTLER, 2016, p. 33).

O conceito abarca a exposição do sujeito “à violência estatal arbitrária, à violência de rua ou doméstica, e a outras formas [de violência] não reconhecidas pelo Estado para as quais os instrumentos jurídicos do Estado falham em prover proteção e reparação suficiente” (BUTLER, 2016, p. 33).

A precariedade pode ser vista nitidamente no caso de Deuseli, uma vez que a jovem foi submetida a formas variadas de violência: a violência sexual, o estupro propriamente; a destruição das provas físicas do estupro resultante da instrução médica para que Deuseli tomasse um banho; a violência estatal; a não-realização do exame de corpo de delito para a emissão de laudo pericial; a impossibilidade de “decidir sobre quando ter ou não ter filhos” (CARNEIRO, 2003, p.118) e de realizar um aborto sob amparo legal; a confusão persistente entre questões de saúde mental e de ordem religiosa; ou seja, “outras formas [de violência] não reconhecidas” (BUTLER, 2016, p. 33).

Assim como interseccionalidade dialoga com precariedade, o conceito de biopoder, proposto por Michel Foucault (1999), assim como o de necropolítica, de Achille Mbembe (2018), e o necrobiopoder, da socióloga brasileira Berenice Bento (2018), estão inter-relacionados, uma vez que tratam sobre eixos de opressão, a condição do indivíduo e o papel do Estado em exercer “o poder de matar, deixar viver ou expor à morte” (MBEMBE, 2018, p. 6).

Para Foucault (1999), há uma técnica institucionalizada no Estado que define quem pode morrer e quem deve viver. Sobre isso, Mbembe (2018) questiona, “se considerarmos a política uma forma de guerra, devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial ao corpo ferido ou morto?)” (p. 124).

Bento (2018) analisa o biopoder de Foucault (1999) e sugere o necrobiopoder, um conceito ainda em construção, segundo a autora. O termo se refere a um conjunto de técnicas de governabilidade planejadas e sistemáticas de fazer morrer.

Um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver (BENTO, 2018, p. 7).

Essa prática, legitimada pelos agentes do Estado, que expõe a mulher a outras formas de violência, reitera uma política sistemática do Estado que acaba por decidir quem deve morrer, o que fica evidente no documentário de Debora Diniz “À margem do corpo”.

Considerações finais

O artigo traz uma abordagem interseccional da vida de Deuseli Vanines, a partir da análise de imagens e testemunhos apresentados no documentário “À margem do corpo”. Para tanto, foram identificados os eixos de opressão, que propõem um olhar diferenciado sobre questões sociais presentes na vida da mulher negra.

O episódio demonstra que o Estado, como agente fundamental para a construção do povo brasileiro, falha ao não fazer valer os direitos humanos da jovem Deuseli, sendo a violência, de todas as formas, tolerada e institucionalizada por quem deveria proteger a mulher.

A impunidade, portanto, permeia todos os caminhos de Deuseli, passando por agentes do Estado que se negam a oferecer o que é um direito da vítima. Essa cadeia inicia na delegacia, segue no exame de corpo de delito, na promotoria e até nos hospitais.

Essa prática recorrente, uma “técnica de governabilidade”, segundo Bento (2018), reitera a impunidade e a opressão à mulher e, sem dúvida, afasta, quem deveria estar sob os cuidados do Estado, da luta pelos seus direitos.

Por fim, cabe também destacar que a pesquisa e o trabalho da professora, documentarista e antropóloga da Universidade de Brasília (UNB), Debora Diniz, sempre estiveram ligados aos direitos das mulheres, tendo realizado simultaneamente ao “À Margem do Corpo”, o documentário “Uma história Severina”, junto da jornalista Eliane Brum, o qual apresenta o drama vivido por uma mãe pernambucana que durante sua gestação, descobriu que seu feto era anencéfalo.

Sobre isso, a professora Debora Diniz colaborou ativamente em uma ação no Supremo Tribunal Federal para permitir o aborto para gestações de fetos anencéfalos. Por esse motivo, teve que deixar o Brasil em 2018, pois estava sendo ameaçada e perseguida: “Chegaram ao ponto de cogitar um massacre na universidade caso eu continuasse dando aulas. A estratégia desse terror é a covardia da dúvida. Não sabemos se são apenas bravateiros. Há o risco do efeito de contágio, de alguém de fora do circuito concretizar a ameaça, já que os agressores incitam violência e ódio contra mim a todo o momento” (BREILLER, 2018).

Esse é o cenário recente do Brasil, o resgate de um acontecimento da década de noventa do século passado é uma vitrine das gramáticas do tempo presente. Vive-se um tempo com novos termos para alargar o conhecimento. Ao mesmo tempo, observa-se ações de perseguição e autoritarismo evidentes em relação às mulheres.

Dessa forma, espera-se que esse artigo seja um gesto de inspiração para os leitores e que a dor que toma o espectador, ao assistir algo tão difícil, ative o gesto de decolonizar e mudar o espaço/tempo da história cultural atual.

REFERÊNCIAS

À **MARGEM** do corpo. Documentário 43' (minutos), cor. Direção: Debora Diniz. ABA/Fundação Ford. Goiás/Go (Brasil). 2005/2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, Berenice. **Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-Nação**. Cadernos Pagu, n.53, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 7 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.282**, de 27 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.282-de-27-de-agosto-de-2020-274644814>. Acesso em: 7 jan. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1996.

BUTLER, Judith. **Corpos que ainda importam**. In: COLLING, Leandro (Org.). Dissidências sexuais e de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016.

BREILLER, Pires. **Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte**. El País, Brasil, 16 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470_991854.html>

CARNEIRO, Suely. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, p. 117-132, v.17, n.49, 2003.

CORRÊA, Laura Guimarães et al. Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. Revista ECO-Pós, v. 21, n. 3, p. 147-169, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, ano 10, n. 1, 2002, pp. 171-188.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2012(a).

Foucault, M. **Segurança, território e população:** Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras:** Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes et al. **Interloquções teóricas do pensamento transfeminista.** IN: JESUS, Jaqueline Gomes et al.. **Transfeminismo: teorias e práticas.** 1ed. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memorie:** Episodes of everyday racism. Munster: Unrast, 2012.

HALL, Stuart. Tradução: Helen Hughes. Revisão Técnica: Yara Aun Houry. **Raça, cultura e comunicações:** olhando para trás e para frente dos estudos culturais. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História PUC-SP, v.31, 2005, p. 1-11

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. n-1 edições: Rio de Janeiro, 2018.

SAMAIN, Etienne. **As imagens não são bolas de sinuca.** Como pensam as imagens. Campinas, Editora da Unicamp, 2012. In: SAMAIN, E. (org.).

UMA VIDA Severina. Documentários 23' (minutos). Direção: Debora Dinis e Eliane Brum. ONG Curumim. Recife/Pe. 2005.